

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

WESLEY TOMAZ DE SOUZA

O IDEÁRIO DE MAIO DE 1968 E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO

MARINGÁ
2016

WESLEY TOMAZ DE SOUZA

O IDEÁRIO DE MAIO DE 1968 E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia/Licenciatura da Universidade Estadual de Maringá (UEM) como requisito parcial para conclusão do curso, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Ruth Izumi Setoguti.

MARINGÁ
2016

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o ideário de Maio de 1968 na França e seus desdobramentos ao redor do mundo. Em um primeiro momento, apresenta-se a hipótese de que as ideias geram ações e tais ações causam mudanças. Inicialmente, comenta-se as manifestações estudantis na França e seu caráter romântico. Na sequência mostra-se que as reais intenções de parte dos movimentos estudantis eram a destruição do capitalismo e a implantação do socialismo cuja estratégia se baseava em destruir as instituições consideradas “burguesas” como a família, a escola e a igreja. Por fim, discute-se como o ideal libertário disseminado na época e a desconstrução da importância e a desvalorização de instituições que são a base da sociedade contribuiu de certa maneira para o aumento da indisciplina no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Maio de 1968; Educação; Indisciplina; História das Ideias.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the ideas of May 1968 in France and their unfolding around the world. In the first moment, it is presented the hypothesis that the ideas generate actions and such actions cause changes. Initially students' demonstrations and their romantic spirit are commented in France. In sequence it has been shown that the real intentions of a part of the students movement were the destruction of capitalism and the implantation of socialism which strategy was to destruct the institutions considered “ bourgeois” such as the family, the school and church. Finally, it has been discussed how the libertarian ideal was spread in this time and the deconstruction of the importance and the institutions' belittling that are the base of society contributed in a certain way to the increase of the indiscipline in the school environment.

KEYWORDS: May of 1968; Education; Indiscipline; History of ideas.

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo analisar os movimentos de rebelião estudantil da década de 1960, em destaque o mundialmente conhecido Maio de 1968 (ou como é comumente conhecido: Maio de 68), ocorrido na França, seu ideário e suas consequências na educação atual.

Dentre os movimentos estudantis que eclodiram em diversos países- França, México, etc., o de maior repercussão foi sem dúvida Maio de 68, o qual ao longo de quase cinco décadas foi objeto de centenas de livros e milhares de artigos. Os livros de Henri Lefebvre (1901- 1991), **Irrupção e revolta dos jovens na sociedade industrial**, e o de Edgar Morin, Claude Lefort e Jean-Marc Coudray, **Mai 68: la brèche**, são os mais os citados (THIOLLENT, 1998).

Tratar de um tema de tamanha complexidade, heterogeneidade e abrangência como este em um trabalho de finalização de curso é correr o risco de simplificação; não obstante, optou-se por ele por duas razões. A primeira, por verificar uma lacuna na historiografia da educação brasileira que pouco destaque dá ao ideário de Maio de 1968 e seu impacto na educação. A segunda, por depositar no presente trabalho a esperança de que poderá servir de inspiração a outros estudos e dar-lhes o aprofundamento que o tema merece.

Nesta pesquisa, de caráter bibliográfico, levantou-se a hipótese de que haveria uma correlação entre as ideias libertárias das rebeliões estudantis que desferiram ataques contra a família, a escola e a autoridade e o fenômeno da indisciplina, da violência escolar e da perda de autoridade do professor. Tal hipótese ampara-se no pressuposto teórico de que as ideias têm consequências (WEAVER, 2012), uma vez que elas não ficam só flando num mundo etéreo. Situações há em que as ideias são aplicadas ao mundo real, se transformam em ação. Thomas Sowell (2011), economista e professor da Universidade de Cornell, explica como as ideias, produzidas por intelectuais e espalhadas pela *intelligentsia*, podem moldar o mundo real. Diz ele, que são as ideias que

[...] formam a opinião pública, moldam atitudes e crenças, interferem na direção da sociedade e da civilização, mesmo quando não são amplamente lidos e reconhecidos pelo grande público (SOWELL, 2011, p. 17).

Entende-se aqui que as ideias apregoadas pelos movimentos estudantis combatendo a família, a escola e a autoridade contribuíram, de certa maneira, para moldar uma visão de mundo (*Zeitgeist*) que modificou profundamente os valores da cultura e deixou como um dos legados históricos a tragédia que se vive hoje na escola: a perda da autoridade do professor e o fenômeno da indisciplina.

Edgar Morin¹, filósofo, historiador e sociólogo francês de esquerda, foi testemunha ocular de Maio de 68. Em 2008, ele concedeu uma entrevista à na qual destaca que o ataque à autoridade do Estado e da família era a bandeira comum entre os mais diversos movimentos estudantis da década de 1960:

O denominador comum é uma revolta contra **a autoridade do Estado e da família. A figura do pai de família perdeu importância,** dando início a uma era de maior liberdade na relação entre pais e filhos. A revolta teve um caráter mais marcante nos países ocidentais desenvolvidos (MORIN , 2008, grifos do autor).

Nesse mesmo ano, em conferência realizada no “Fronteiras do Pensamento²”, este mesmo filósofo sublinha² que a “[...] revolta contra a autoridade, quer seja a autoridade dos mestres, quer seja a autoridade do Estado, quer seja a autoridade da família tradicional” (MORIN, 2008) fora preconizada pelos movimentos estudantis.

O igualmente insuspeito sociólogo marxista brasileiro radicado na França, Michael Löwy (2008) também assevera que uma das bandeiras de luta

¹ Em pleno maio de 1968, Edgar Morin estava na Universidade de Nanterre, localizada num subúrbio de Paris, para dar início às aulas como professor substituto quando foi surpreendido pela greve: “Quando cheguei havia um caos absoluto; os carros de polícia soavam suas sirenes e um jovem ruivo gesticulava sobre as tarimbas: era Daniel Cohn-Bendit”, diz Morin em sua entrevista ao jornalista espanhol J.M Marti Font publicada no **El País** em 19 de abril de 2008 (UNISINOS, s/d).

² O **Fronteiras do Pensamento** propõe uma profunda análise da contemporaneidade e das perspectivas para o futuro. Comprometido com a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a educação de alta qualidade, o projeto promove conferências internacionais e desenvolve conteúdos múltiplos com pensadores, artistas, cientistas e líderes em seus campos de atuação (FRONTEIRAS, s/d).

dos movimentos estudantis, focava na condenação ao centralismo, à hierarquia e à autoridade.

Os movimentos de revolta dos estudantes moviam-se por uma crença de que um outro mundo seria possível se tudo o que representava “o velho”, o “caduco”, o “tradicional”, as “velhas ordens e as instituições estabelecidas”; ainda que não se soubesse o que adviria da destruição. Dessa perspectiva, propunham o fim da hierarquia, da autoridade, da família, da escola, do conteúdo escolar, enfim, de tudo o que era entendido como instrumento de opressão.

Paulo Freire (2014, p. 40, grifos do autor), em *Pedagogia do oprimido*, sintetiza o espírito que movia os movimentos estudantis de 1960 da seguinte maneira:

[...]. Ao questionarem [os movimentos de rebelião] a ‘civilização do consumo’, ao denunciarem as ‘burocracias’ de todos os matizes; ao exigirem a transformação das universidades, de que resultem, de um lado, **o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno**; de outro, a inserção delas na realidade; **ao proporem a transformação da realidade** mesma para que as universidades possam renovar-se; ao **rechaçarem velhas ordens e instituições estabelecidas**, buscando a afirmação dos homens como sujeitos de decisão, todos esses movimentos refletem o sentido mais antropológico do que antropocêntrico de nossa época.

Esqueceram-se, esses jovens, no afã de demolir toda a tradição, a experiência acumulada de que “[...] o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante” (SCRUTON, 2015, p. 9). Os movimentos estudantis não apenas atacaram qualquer forma de autoridade (familiar, escolar, religiosa, do Estado) como também escolheram como alvo de suas críticas e de troça o casamento e a vida em família, como explica Pinker (2013, p. 170), em *Os anjos bons da nossa natureza*:

A ideia de que um homem e uma mulher deviam dedicar suas energias a uma relação monogâmica na qual criavam os filhos em um ambiente seguro passou a provocar gargalhadas histéricas. Agora aquela vida era a aridez suburbana da banalidade familiar, sem alma, conformista, consumista, materialista, medíocre, plástica, insípida.

O entendimento do referido autor é de que a conjunção desses elementos, quais sejam, a crítica demolidora das instituições familiares e escolares, da autoridade e da hierarquia acabou criando um *zeitgeist*, definindo o espírito da época caracterizado pela rebeldia, pela contestação, pelo desprezo à hierarquia e à autoridade.

Pinker (2013) rememora que na década de 1950, quando o *rock* entrou em cena, políticos e clérigos acusaram-no de corromper a moral e de estimular o banditismo, a violência. “E agora - caramba! - temos de admitir que eles tinha razão?”, indaga Pinker (2013, p. 173). Nas três décadas subsequentes – 1960, 1970 e 1980 – houve um recrudescimento espantoso da violência tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, depois de um declínio de três décadas que envolveu a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria (PINKER, 2013). A resposta à questão acima é: “não diretamente”, porém, pode sim se estabelecer uma correlação entre o recrudescimento da violência e os valores da cultura popular de rebeldia que se formaram, os quais afluíam na contramão do que Norbert Elias denominou de “processo civilizador”.

É dessa perspectiva que se procurou na presente pesquisa estabelecer uma correlação entre a violência escolar, a indisciplina e a perda da noção de autoridade nas escolas atuais em quase todo o mundo ocidental, incluindo o Brasil, e as ideias amplamente difundidas pelos movimentos de rebeldia dos estudantes da década de 1960 por intelectuais, artistas, músicos, cineastas, jornalistas e escritores que delinearam o movimento da contracultura³.

2. O INÍCIO DOS PROTESTOS

Na década de 1960, houve inúmeras revoltas estudantis na França, Alemanha, Inglaterra, Itália, Estados Unidos, México, Brasil, Argentina, Egito, Polônia, sendo **Mai de 68** na França, a mais importante e conhecida dentre esses. Rüdiger Safranski (2010, p. 349), filósofo alemão contemporâneo, em sua obra, *Romantismo*, faz alusão ao aspecto globalizado desses movimentos de protestos estudantis: “De fato, havia uma simultaneidade de

³ Surgida nos Estados Unidos na década de 1960, a contracultura pode ser entendida como um movimento de contestação de caráter político, social e cultural. Nasceu e ganhou força principalmente entre os jovens nas décadas de 1960 e 1970 e se manteve até os dias atuais.

acontecimentos de Berkeley até Roma, Paris e Berlim. Os estudantes saíam as ruas em toda parte, articulando protesto ruidoso e cheio de fantasia”.

Embora nem sempre lembrado, houve antes de Maio de 68 uma grande mobilização estudantil na Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos, em 1964-1965. David Horowitz (2012), que quando estudante participou do movimento de rebeldia em Berkeley, dá seu depoimento em livro autobiográfico, *Filho radical*, sobre o clima intelectual e político que dominava o ambiente nessa universidade. Segundo o autor, o lugar era extremamente diferente das outras cidades americanas, “[...] uma cidade de argonautas sociais que partiam em busca de mares jamais navegados” (HOROWITZ, 2012, p. 124). Em Berkeley se reuniam de “[...] anarquistas, *beatniks*, antigos trotskistas a comunistas” para discutir “[...] velhos temas, como a organização de manifestações de estudantes e a tal ‘revolução’ [a cubana] (HOROWITZ, 2012, p. 124). Cambi (1999) evidencia que apesar da diversidade política desses grupos, o que os unia era um fascínio pelo socialismo, pela revolução e uma recusa em aceitar os valores da social-democracia por considerarem-nos reformistas e não radicais. Nas palavras do autor:

Iniciados nos *campi* universitários americanos, depois disseminados na Europa, na Alemanha, na Itália e sobretudo na França, tais movimentos deram **lugar a uma fogueira ideológico-cultural inspirada nos pensamentos dos ‘três M’ (Marx, Mao, Marcuse), orientada segundo os princípios do marxismo revolucionário, mas também segundo inspirações anárquicas, referências trotskistas à ‘revolução permanente’**, comportamentos de extremismo contrários tanto aos reformismos social-democratas quanto aos comunismos bloqueados dos países do Leste (CAMBI, 1999, p. 617, grifos do autor).

A inspiração desses jovens era Marx, Mao Tsé Tung e Marcuse, todos da tradição de esquerda. Assim, os estudantes movidos pelo ideal de “construir um mundo melhor” deram início às revoltas estudantis. Em 1964, na Universidade de Berkeley, ocorreu a primeira revolta em que participantes do Movimento pela Liberdade de Expressão ocuparam a universidade reivindicando o direito de fazer propagandas políticas dentro da universidade e tiveram, após muita pressão, sua reivindicação atendida.

Após esse evento, houve várias outras revoltas estudantis ao redor do mundo. Na França, em 1968, o movimento clamava pela liberdade. Os estudantes rebeldes acreditavam que o país vivia novos tempos, cuja estrutura social “capitalista”, “consumista” e “alienante” deveria ser destruída. Na realidade, como sublinha Löwy (2008, p. 2) “[...] tratava-se de uma revolta mental contra o estado industrial existente, tanto contra a estrutura capitalista como contra o tipo de sociedade de consumo que ele criou”. Eram, em suma, movimentos anticapitalistas conduzidos por estudantes que ironicamente eram contra a “burguesia”, a sociedade industrial e de consumo, que paradoxalmente usufruíam das conquistas do capitalismo que lhes permitiam levar uma vida confortável de classe média, inclusive com o privilégio de apenas estudar.

Como bem lembra Morin (2008) sobre o caráter político e ideológico da revolta estudantil na França, esta “[...] foi animada por libertários como Daniel Cohn-Bendit, trotskistas e maoístas. Eles diziam aos adolescentes: ‘são suas as aspirações, mas somos nós que vamos realizá-las, fazendo a revolução e fazendo o socialismo’.

Em Nanterre, na França, um grupo de estudantes liderados por Daniel Cohn-Bendit reivindicou que moças e rapazes não possuíssem mais dormitórios separados na universidade. O conservadorismo da época achou tal reivindicação inaceitável e levou a prisão dos estudantes. Pensando que com a prisão desses estudantes inibir-se-ia as ações estudantis de reivindicação e de luta, a sociedade francesa foi surpreendida quando na Universidade de Sorbonne os alunos engajados no movimento de reivindicação e contestação ocuparam o campus da universidade em solidariedade aos universitários presos em Nanterre. Mesmo a universidade tendo sido fechada para evitar a revolta, os protestos se intensificaram e os arredores de Sorbonne foram tomados por barricadas e violência entre polícia e estudantes, o que resultou em muitos feridos.

No dia 5 de maio, cerca de 10 mil alunos enfrentaram a polícia em Paris. No dia 10, cerca de vinte mil universitários foram para as ruas para enfrentar a polícia novamente, recusando-se a “circular” como ordenava a polícia. Eles levantaram carros, atiraram pedras e coquetéis *molotovs*, e cercaram os policiais. Este evento ficou conhecido como “Noite das Barricadas”. Vendo a luta dos estudantes e entendendo que tinham objetivos em comum, o Partido

Comunista engajou-se nas manifestações, ocupou fábricas e organizou as passeatas. No dia 13 houve uma declaração de greve geral que se espalhou por toda a França. No dia 24, depois de outra “noite das barricadas” o governo Francês começou a negociar com os sindicatos de trabalhadores o aumento de salário e as reformas no campo educacional. Com isso, o movimento perdeu força e com as medidas tomadas pelos conservadores que conseguiram cadeiras nas eleições legislativas em junho, o movimento teve um fim, porém as ideias permaneceram até os dias atuais, como bem analisa Roger Kimball (2009). O autor ainda evidencia que:

Com efeito, é importante reconhecer que a visão radical dos anos 1960 não foi abandonada, mas internalizada, por muitos que naquela época atingiram a maioria e agora ensinam e administram as nossas instituições de ensino superior [...]. [...]. Em medida inimaginável há uma ou duas décadas, os seus sonhos de transformação radical foram realizados [...]. Não, o *ethos* radical dos anos 1960 foi bem-sucedido até demais, tendo indiretamente alcançado na sala de aula, na reunião de colegiado e por decreto administrativo o que foi incapaz de conseguir com as barricadas (KIMBALL, 2009, p. 26).

Os radicais foram, de certa maneira, vitoriosos.

3. A UTOPIA ROMÂNTICA DE MAIO DE 68

Os jovens foram seduzidos pela ideia de se criar um mundo livre, justo, perfeito e igualitário, como a prometida pela utopia socialista. Acreditaram que se forças organizadas destruíssem o capitalismo, extinguir-se-iam a desigualdade social, as classes, a propriedade privada e instaurar-se-ia uma sociedade sem hierarquia, coletiva, próspera e ausente do mal. Imbuídos dessa visão apostavam em toda e qualquer coisa que pudesse prejudicar “o sistema”; até mesmo a maconha era bem vista pelos rebeldes estudantes como um dos elementos destrutivos da sociedade que aceleraria o desencadear da revolução (HOROWITZ, 2012, p. 129).

Horowitz (2012, p. 124, grifos do autor) sintetiza a ideia de como o marxismo exercia um forte apelo nos jovens, alimentando-lhes o sonho revolucionário:

O segredo do apelo marxista era basicamente o seu poder mágico, a sua crença fantástica na existência de um mundo diferente daquele que habitávamos- diferente das ‘sociedades então existentes’- e na possibilidade de esse mundo um dia ser nosso [...] **A ideia revolucionária não era conseguir um lugar ao sol na antiga ordem das coisas, mas sim mudar o mundo.** O marxismo estava ligado a uma nova criação que teria início com um ‘novo homem’ e uma ‘nova mulher’. **Seu projeto sonhava refazer o mundo.** Voltar para o Paraíso e começar tudo de novo. O marxismo era a aventura que daria fim a todas as outras aventuras.

A crença em “outro mundo possível”, mais humano, justo e o ideário contra a civilização capitalista e industrial da década de 1960 se sustentavam no romantismo revolucionário, conforme explica Löwy (2008, p. 01):

Um de seus componentes - e não o menor - é o *romantismo revolucionário*, ou seja, um protesto cultural contra os fundamentos da civilização industrial/capitalista moderna, seu produtivismo e seu consumismo, e uma associação singular única e sem gênero, entre subjetividade, desejo e utopia [...]

Lembrando que o romantismo não era apenas “[...] uma escola literária do início do século XIX [...], mas uma das principais formas da cultura moderna” (LÖWY, 2008, p.1). Não por acaso,

[...] entre os autores mais admirados da geração rebelde dos anos 60, podem-se encontrar quatro pensadores que pertencem à tradição romântica revolucionária e que tentaram cada um à sua maneira a crítica marxista e a crítica romântica da civilização: Henry Lefebvre, Guy Debord, Herbert Marcuse e Ernst Bloch (LÖWY, 2008, p.2).

Influenciado por ideias genéricas de liberdade, de realização e felicidade plena, de luta pelos direitos, o movimento estudantil deflagrado por estudantes provocou uma revolução profunda nos costumes, na tradição, no comportamento, na cultura, na música, na arte, na educação e nas relações familiares.

As teorias sociológicas tiveram dificuldades em explicar o comportamento de rebeldia e protesto contra o “sistema econômico”, pois vivia-se um tempo de grande prosperidade econômica e liberdade política. Como explica Pinker (2013, p. 165):

O revivescimento da violência nos anos 1960 contrariou todas as expectativas. Aquela foi uma década de crescimento econômico sem precedentes, quase pleno emprego, níveis de igualdade econômica que deixaram saudades, progresso racial histórico e florescimento de programas sociais do governo [...].

Nesse sentido, Löwy (2008, p. 2) acrescenta que: “[...] esses movimentos não foram motivados por uma crise qualquer da economia capitalista: ao contrário, era a época dita das ‘trinta gloriosas’ (1945-75), dos anos de crescimento e prosperidade capitalista”. Além disso, essa geração desfrutava de condições de bem-estar, de conforto e de liberdade muito superiores às vivenciadas pelos seus pais, inclusive, em termos tecnológicos. Foi a primeira geração a crescer com a televisão (PINKER, 2013) e a se beneficiar da democratização educacional em massa, chegando ao ensino superior para apenas estudar sem ter que trabalhar.

Essa situação de prosperidade econômica e liberdade vivenciada pelos jovens americanos também o fora pelos jovens alemães:

A geração que então protestava havia crescido durante o milagre econômico, isto é, sem penúria ou pobreza: ela tinha vivido até então apenas em tempo de paz, apesar da guerra fria, e tinha se acostumado a condições democráticas (SAFRANSKI, 2010, p. 348).

Por isso, alerta Löwy (2008) não poder estabelecer uma relação de causa e efeito entre crise econômica e revolta capitalista. Em face disso, como explicar a influência do pensamento revolucionário romântico sobre esses jovens?

Conforme Horowitz (2012), uma parte deles vinha já com uma formação radical de esquerda de casa. Em Berkeley, o grupo formado por esses jovens criaram o termo ‘bebês de fralda vermelha’ para designar e identificar os filhos da esquerda comunista (HOROWITZ, 2012, p. 124). Havia também na universidade grupos de estudos sobre *O capital* de Karl Marx organizados por professores e alunos. Não se pode negligenciar, contudo, que havia um contexto histórico maior que alimentava a chama da utopia revolucionária entre os jovens estudantes: a Revolução Cubana em 1959 e a Revolução Cultural Chinesa em 1966. Essas acenavam para uma nova perspectiva para a

esquerda, que vivia em torpor político desde o Relatório Krushev, em 1956. Nascia a Nova Esquerda⁴.

Vale ressaltar que a Nova Esquerda não teve desde o começo um caráter rebelde; esse passou a ser desenvolvido e moldado por meio das lutas nas quais se engajavam e conforme ia sendo constituída sua fundamentação prática.

4. A NOVA ESQUERDA, O FASCISMO E OS MOVIMENTOS ESTUDANTIS

Em 25 de fevereiro de 1956, durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em discurso, Nikita Krushev reafirma sua crença no comunismo, invocando as ideias de Lênin, ao mesmo tempo em que critica o regime de Stálin pelos brutais expurgos de militares de alto escalão e de quadros superiores do Partido entre 1934 e 1939 e pelo culto à personalidade de Stalin. O discurso foi sinal da disputa pela liderança soviética em que Krushev procurava abrir os olhos dos stalinistas para o que estava ocorrendo na União Soviética e representou uma mudança da linha do Partido Comunista da União Soviética e seus postulados baseados no stalinismo.

Após o Relatório de Krushev, muitas pessoas vinculadas ao Partido Comunista se desencantaram do projeto socialista soviético e buscaram organizar suas vidas longe do partido. Com isso houve uma cisão na esquerda. De um lado havia um grupo que ainda defendia as ideias de Stálin, que ficou sendo chamado de Velha Esquerda, de outro surge um novo grupo que passa a se auto denominar de Nova Esquerda, o qual rejeita o regime stalinista e visa a um socialismo de face “mais humanista”, cuja estratégia para a implantação do socialismo era por meio da “conscientização de mentes”, ou seja, da doutrinação política, em contraposição à noção de revolução por meio da violência (GARCIA, p. 11. 2015).

⁴ A Nova Esquerda é um termo utilizado para se referir aos movimentos políticos de esquerda surgidos em vários países a partir da década de 1960. Eles se diferenciam dos movimentos esquerdistas anteriores que haviam sido orientados mais para um ativismo trabalhista, e adotam uma definição de ativismo político mais ampla, comumente chamada de ativismo social. Nos Estados Unidos, a Nova Esquerda está associada aos movimentos populares como o de Hippie, os de protesto à Guerra do Vietnã e pelos direitos civis.

Goldberg (2009), em seu livro *Fascismo de esquerda*, explica a essência da Nova Esquerda como um movimento radical de vanguarda que tinha por objetivo redesenhar não apenas a política, mas toda a natureza humana por meio da engenharia social. Na interpretação de Goldberg

O movimento estudantil da década de 1960, apesar da mitologia popular ter criado uma narrativa de que este era tão somente um movimento utópico gentil que se opunha à guerra colonialista no Vietnã e buscava, dentro das fronteiras americanas, maior igualdade e harmonia social[...], não há como negar que o núcleo ativista do movimento fosse pouco mais que um culto fascista da juventude. (2009, p. 186-187):

Como bem recorda ainda Horowitz (2012), no início dos anos 60 a onda estudantil começou cheia de idealismo e esperança, não sendo um movimento destrutivo e a Declaração de Port Huron⁵ (documento que veio a definir a Nova Esquerda), idealizada por Tom Hayden⁶, tinha boas intenções com otimismo democrático e honestidade. Todavia, ela vai sendo marcada por posturas violentas de seus seguidores. Os professores que eram contra as ideias dos jovens eram impedidos de dar aula, eram retirados das salas de aula, intimidados pelos alunos que tomavam conta do ambiente educacional da época e permitiam que apenas os professores que concordassem com seu ideal pudessem lecionar. Desta feita, afirma Horowitz (2012) ser um equívoco recordar os anos 60 tão somente como uma época de esperança e unidade, época em que os bons derrubariam o sistema corrupto e trariam o esclarecimento e a decência para a sociedade, quando na realidade foi também marcada por atos de terrorismo, brigas, tumultos, assassinatos e intolerância.

⁵ A *Declaração de Port Huron* é um manifesto político dos estudantes ativistas norte-americanos do movimento Estudantes por uma Sociedade Democrática (SDS). Ele foi escrito principalmente por Tom Hayden, na Universidade de Michigan, com a ajuda de 58 outros membros da SDS, e completou em 15 de Junho de 1962, em um retiro em Port Huron, onde houve a primeira convenção nacional do grupo. Em dezembro de 1964, com o clima político mudando drasticamente, a segunda edição do manifesto foi emitida que incluiu um aviso introdutória que indicou que "enquanto alguns dos seus escritores originais concordaria hoje com todas as suas conclusões", o manifesto manteve a sua importância como uma "fonte essencial de direção SDS" e "uma das primeiras formas de realização dos sentimentos do novo movimento de jovens que começaram nos anos sessenta.

⁶ Tom Hayden, principal idealizador da Declaração de Port Huron, era uma das poucas figuras importantes na liderança dos SDS que não era um "bebê de fralda vermelha" (filho de comunistas) e que não sofrera influência radical na sua criação.

Goldberg (2009, p. 187) evidencia que “[...] historicamente, o fascismo é, necessariamente, e por sua própria concepção, uma forma de movimento jovem, e todos os movimentos jovens tem em si mais que um simples vestígio de fascismo”. Assim, os movimentos utópicos estudantis definiram como sua primeira tarefa desacreditar a autoridade do passado, jogar fora as ‘velhas formas’ e os ‘velhos dogmas’, ao mesmo tempo em que exaltavam a paixão sobre a razão, a ação sobre a deliberação.

Apesar da divergência entre a Velha Esquerda e a Nova Esquerda, ambas tinham por objetivo a implantação do socialismo, todavia a divergência estava na estratégia para se atingir tal fim: ou por uma revolta armada do operariado ou pela conquista da hegemonia cultural, conforme propôs Antônio Gramsci (GARCIA, 2015).

Os intelectuais de esquerda, principalmente os da Escola de Frankfurt, chegaram à conclusão de que para provocar um colapso no sistema capitalista deveriam atacar as instituições tidas como base da sociedade ocidental e burguesa como a escola, a família, a igreja e os meios de comunicação pois eram vistas como reprodutoras do modo de organização do sistema capitalista, formando desde cedo pessoas que se encaixariam no sistema, executando seu papel de produtor de riquezas e que aceitariam ser dominados sem questionamento. Acreditavam que causando o ataque a essas instituições, que formavam a base da sociedade, o caos tomaria conta da sociedade e no momento do caos se implantaria o socialismo. A dominação passa da esfera pessoal e cria instituições para suprir as necessidades humanas de ordem, não sendo possível o homem ser livre verdadeiramente e feliz, pois jamais alcançará a satisfação plena de seus prazeres nesse sistema (GARCIA, 2015). Vão contra a família, mais especificamente contra a figura paterna por estabelecer uma hierarquia em que a esposa e os filhos se submetem ao pai, que controla a família e prepara-a para lidar com o sistema. E criticam o modelo monogâmico pois dizem que pelo fato de a pessoa se relacionar apenas com uma única pessoa, isso a impediria de atingir a felicidade plena.

Na Alemanha, o sentimento entre os jovens era o mesmo. Influenciados pelas proposições da Nova Esquerda, os jovens alemães viam a vida familiar “burguesa” como repressiva, criam que a sexualidade dentro e fora do casamento era uma hipocrisia, não acreditavam nas pessoas mais velhas e

eram contra a ordem capitalista e suas manifestações. Tinham a religião como uma farsa, a política como algo trivial, a economia como enganadora, a arte como lixo e a educação como estereotipada e reprodutora das ordens sociais. Tinham como meta estabelecer uma política jovem, combatendo a escola, a família e a igreja (SCRUTON, 2014). E esse combate permanente à escola, à família e à igreja tornou-se um consenso, segundo Scruton (2014), por mérito dos teóricos da Nova Esquerda que nas décadas de 1960 e 1970 ajudaram a moldar essa visão de mundo. E a difusão dessas ideias nos meios universitários se explicaria pelo fato de

Os alunos dos anos 1960 e 1970, oriundos das mais diferentes classes sociais, educados inapropriadamente, fragilizados por sua ignorância da história e da cultura de seus ancestrais, estavam ávidos por doutrinação. E a doutrinação tinha de conformar-se às duas necessidades que os agitavam: ela tinha que prometer, em um só e mesmo gesto, a liberação individual e a justiça social para as massas (SCRUTON, 2014, p.22).

Em outros termos, a doutrinação desses jovens não encontrou barreiras intelectuais para sua incorporação justamente porque os mesmos tinham uma formação precária da história e da cultura.

5. O IMPACTO DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NA EDUCAÇÃO

Os estudantes rebeldes atacaram a instituição escolar sob a alegação de que esta tinha a função de formar reacionários, aptos a cumprirem as leis burguesas. Combatiam a noção de que o aluno deveria respeitar a autoridade do professor e combatiam a aquisição do conhecimento apolítico alegando que este visava tão somente a manutenção do capital. Acusavam ainda a educação tradicional de ser rígida, mecânica e reprodutora da cultura dominante. Com este raciocínio propuseram à escola o papel de conscientizar o aluno com vistas à transformação social, ou seja, formar o aluno revolucionário.

Nesse momento surge uma abordagem, que se auto intitula progressista, que no Brasil teve Paulo Freire como um de seus principais representantes. Para Freire (1975) o ensino tradicional por meio do qual o

professor transmite o conhecimento a seu aluno, acaba sendo uma educação “bancária” pois o professor depositaria o conteúdo escolar no aluno, colocando-o numa posição passiva de apenas ouvir, decorar e repetir. Para Paulo Freire (1975) é tão somente a educação progressista que cumpre o verdadeiro papel da escola.

Essa tendência educacional visava à conscientização do aluno. O professor deixa de ser a figura central do processo de ensino e passa a ser um mediador, no qual o aluno seria aquele que construiria seu conhecimento (FREIRE, 1975). Há pessoas que são a favor dessa abordagem, pois acreditam que o caos na educação atual deriva da sociedade capitalista e do ensino tradicional e há as que acreditam que essa usa de estratégias para se destruir as instituições democráticas e liberais. Do ponto de vista do presente autor, crê-se que foi um meio de se desestruturar a escola enquanto instituição social pois tirando a autoridade do professor, o ambiente escolar ficou sujeito a ideias e vontades dos alunos, desvalorizando o profissional preparado para exercer a função de ensinar e deixando a escola muito mais vulnerável a influências externas, pois desestruturando a escola enquanto instituição base da sociedade, ela estaria mais suscetível a mudanças (FREIRE, 1975).

O aluno possui conhecimentos adquiridos de maneira espontânea, ele chega à escola com uma bagagem e o professor deve usar isso como ponto de partida para mediação do conhecimento, pois acredita-se que não há saber superior nem inferior, apenas o saber diferente. Do mesmo modo, esta abordagem pedagógica afirma não existir certo nem errado. O professor deixa de ser visto como aquele que mantém a ordem para obter sucesso no aprendizado e passa a ser considerado como aquele que mantém a disciplina com atividades não-interessantes para os alunos, gerando assim a indisciplina. Apregoa ainda esta tendência educacional que o professor deve deixar de lado sua autoridade e deixar que o aluno se desenvolva livre e naturalmente, sem impor limites.

Após as manifestações de 68, as universidades são tomadas por interesses revolucionários. O que movia os intelectuais esquerdistas era a premissa de se “conquistar a hegemonia cultural”, assim, se infiltraram nas universidades para propagar suas ideias e ideais, pois das universidades saíam professores e outras pessoas que ocupariam cargos de influência na

sociedade, o que revela e enfatiza o desejo por mudanças na sociedade como um todo, pois a mudança ocorrida no campo político afetaria as demais áreas sociais e essas mudanças seriam alcançadas, pelo que acreditamos, por causa das ideias disseminadas principalmente entre os estudantes e jovens da época.

Contudo, vê-se nos anos de 1960 que vários dos movimentos que surgiram ao redor do mundo tinham objetivos em comum, dentre os quais está a queda do capitalismo e a implantação do socialismo que, acreditavam que conseguiriam com o ataque a instituições que eram base da sociedade. Segundo Cambi:

Nesse clima de revisão radical, dos processos educativos e do saber pedagógico, vieram se afirmando alguns modelos “alternativos” que se orientavam sobretudo para princípios e valores “outros” em relação aos burgueses e capitalistas saturados de ideologia conformista-autoritária e repressiva. (1999, p. 620)

Com isso, se Cambi (1999) enfatiza a preocupação, os questionamentos e as discussões ocorridas no período de 60 em relação a educação e toda a sua base ideológica. Nas palavras do autor:

Foram modelos que pretendiam romper com práticas escolar-educativas tradicionais, formalistas, conformistas e favorecer, pelo contrário, processos de formação mais abertos e capazes de dar vida a sujeitos mais criativos, mais independentes, orientados também para a discordância (CAMBI, 1999. p. 620).

Neste sentido, Cambi (1999) demonstra sua preocupação com a formação de sujeitos críticos que não sejam passivos e apenas reproduzam o que lhes é instruído e façam ali a manutenção da ordem social vigente, mas que sejam atuantes na sociedade, sujeitos críticos, capazes de decidir e questionar, até mesmo os padrões impostos pela sociedade.

Paulo Freire, o principal teórico representante desse período e das mudanças pretendidas na educação no Brasil, teve suas influências externas para trazer esses modelos “alternativos” para o Brasil. Para Cambi (1999), Freire está entre os teóricos da desescolarização. Para o autor:

É preciso des-escolarizar a sociedade para afastar a aprendizagem e a formação das jovens gerações da ideologia

do poder e reportar tais processos dentro de toda a sociedade, dando vida a uma pedagogia e a uma aculturação alternativas àquelas operadas pela escola, capaz de favorecer a independência dos jovens e um melhor treinamento para o sentido de descoberta (CAMBI, 1999. p. 621).

Destruindo a escola, organizar-se-ia a aprendizagem em vários momentos e âmbitos sociais, evitando institucionalizá-la, ocorrendo de maneira informal (CAMBI, 1999). Busca-se uma conscientização do indivíduo desde o processo de alfabetização a fim de torna-lo atuante na sociedade, capaz de interferir na sua realidade e buscando mudanças que vemos presentes na educação atual.

Como afirma Cambi (1999, p. 624):

[...]1968 alimentou um amplo movimento no campo educativo, escolar e pedagógico, que atingiu quase todas as áreas geográfico-culturais e incidiu em profundidade sobre a identidade da pedagogia segundo três direções. Primeira: trouxe de volta à sua fundamental politicidade [...] Segunda: a pedagogia deve ser revista criticamente na sua tradição, pondo às claras suas insuficiências e condicionamento, sobretudo ideológicos, desmascarando-os e projetando um pensar/fazer educação que se emancipe dessa condição de subalternidade, sem cair, porém, no mito da ciência. [...] Terceira: a focalização de novos modelos formativos (antropológicos sociais, culturais) que visam a uma condição desalienada da vida individual e social, caracterizada no sentido libertário, antiautoritário, erótico e criativo, que se colocam numa trajetória explicitamente utópica.

Cambi (1999) expõe o extremismo que caracterizou as pedagogias que surgiram da experiência de 68 mostrando seus limites e seus valores, valores de cunho radical. Enfatiza que ainda hoje estamos condicionados à essas revoltas.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar os movimentos jovens dos anos 60, com foco em Maio de 1968 na França, a fim de identificar quais foram seus desdobramentos.

Na década de 1960 houve um grande número de movimentos jovens ao redor do mundo depois da eclosão de Maio de 68 que serviu como exemplo e ponto de partida para movimentos posteriores. Inicialmente as manifestações pediam a retirada das tropas americanas do Vietnã e a liberdade plena para realização dos prazeres. Porém, com o transcorrer os movimentos ganharam força, se embasavam em um ideal de esquerda e assumiam um caráter fascista. Movimentos estes que apresentavam uma imagem amigável e dócil, mas que eram violentos e buscavam a queda do capitalismo e a implantação do sistema comunista.

A educação não está alheia às mudanças ocorridas na sociedade. Assim, fatores econômicos, políticos, sociais, regionais entre outros influenciam no processo educacional e são responsáveis por mudanças constantes. Vemos ao longo da história o quanto a educação sofreu influências externas que causaram grandes mudanças. Fatores externos podem influenciar também o aluno e seu desempenho e desenvolvimento dentro da escola positiva ou negativamente.

Desta maneira, conclui-se que as ideias de liberdade disseminadas naquela época tomaram conta do pensamento das pessoas e isso gerou mudanças na maneira que as pessoas agiam. Seduzidos pelas ideias de que não há certo ou errado e de “tudo se pode”, as pessoas passam a criar seus filhos sem regras e sem limites, o que é condição necessária para que haja uma ordem. Os jovens daquela época criaram seus filhos assim, que criaram seus filhos da mesma maneira e isso foi passado de geração em geração e tomou grandes proporções. Criados num meio permissivo e sem limites, os alunos de hoje em dia, em todos os níveis de ensino, acreditam que no ambiente escolar também deve ser assim, dessa maneira ocorre a indisciplina, a violência, a rebeldia e o desrespeito.

Uma das maiores reclamações dos profissionais da educação na atualidade é a indisciplina, a violência e o desrespeito dentro das salas de aula, situação que acredita-se ser resultado das ideias libertárias disseminadas nos anos 60. Buscava-se atacar as instituições base da sociedade e é algo que vê-se que ocorreu de diversas maneiras pois na atualidade as famílias se destruíram, divórcios acontecem com frequência, o que é pregado pelas igrejas é questionado constantemente, e a autoridade do professor dentro das

escolas passou a ser desprezada, o interesse e as vontades dos alunos passaram a ser mais valorizadas e o desrespeito às autoridades dentro e fora das instituições escolares tornaram-se cada vez mais visíveis e constantes. Por esse motivo salienta-se, como Kimball, que os movimentos na França em 68 tiveram um fim aparente, pois as ideias continuaram a se espalhar e a gerar resultados nefastos a médio e longo prazo.

REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **A história da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Mal-estar de Maio de 68 é ainda mais profundo hoje**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2804200813.htm>> Acesso em 02/05/2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

FRONTEIRAS. **Fronteiras do Pensamento** – o projeto. s/d. Disponível em: <http://www.fronteiras.com/o-projeto>>. Acesso em: 25 set. 2016.

GARCIA, Jaqueline Machado. **A educação e as ideias de Maio de 68**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

GOLDENBERG, Jonah. **Fascismo de esquerda**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HOROWITZ, David. **O filho radical**. São Paulo: Peixoto Neto, 2012.

KIMBALL, Roger. **Radicais nas universidades**. Como a política corrompeu o ensino superior nos Estados unidos da América. São Paulo: Peixoto Neto, 2009.

LOWY, Michel. O romantismo revolucionário de Maio de 68. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá (PR), n. 84, maio de 2008. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowp.htm>. Acesso em: 24 mai. 2016.

MORIN, Edgar. **Mal-estar de Maio de 68 é ainda mais profundo hoje**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2804200813htm>> Acesso em: 15 mai. 2016.

PINKER, Steven. **Os anjos bons da nossa natureza**: Por que a violência diminuiu. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo**: uma questão alemã. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SOWELL, Thomas. **Os intelectuais e a sociedade**. São Paulo. É Realizações, 2011.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Rev. Sociol.** USP São Paulo, 19(2): 63-100, out. de 1998.

UNISINOS. **Instituto Humanitas Unisinos**. s/d. Disponível em:
<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/13828-o-maio-de-68-e-uma-manifestacao-da-crise-de-civilizacao%60-diz-edgar-morin>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

WEAVER, Richard M. **As ideais têm consequências**. São Paulo: É Realizações, 2012.